

NA FÉ EM SANTA BÁRBARA E NO TERCÊ EM CODÓ, CAPITAL DA MAGIA NEGRA!?

Gerson Carlos P. Lindoso¹

Resumo: O artigo apresentado é fruto de trabalho de pesquisa sobre Antropologia das Religiões Afro-Brasileiras e teve como objetivo principal fazer uma análise do discurso midiático, particularmente televisivo do programa ‘Na Fé’, apresentado pelo jornalista Artur Veríssimo, veiculado em canal fechado Discovery Channel, que fez uma reportagem sobre a festa de Santa Bárbara na cidade maranhense Codó, representada pelos meios de comunicação atualmente como ‘**Capital Mundial da Feitiçaria**’ (LINDOSO, 2012) e da ‘**Magia Negra**’. Esse programa documentário focalizou a festa de Santa Bárbara em alguns terreiros de religião afro em Codó, que apresenta o ‘Tercê’, como matriz afrorreligiosa proeminente, além de símbolos e especificidades intrínsecas (entidades, ‘encantados’, chefiados por Maria Bárbara Soeira ou Maria Barba, Barba Soeira, e outros como Légua Bugi Buá da Trindade) em seus rituais. O destaque nesse programa é para o pai-de-santo Wilson Nonato de Sousa, vulgo ‘Bita do Barão’, que realizou um trabalho de limpeza na corrente da esquerda ou dos exus (‘Seu Tranca Rua das Almas e Maria Padilha, muito presentes na Umbanda) para o apresentador.

Palavras-chave: Na Fé, Mídia e Religiões Afro-Brasileiras, Tercê em Codó.

Tomamos conhecimento desse programa, a partir da sua ampla divulgação por meio de chamadas, propagandas em torno de sua temática religiosa na TV por assinatura SKY (Discovery Channel) e principalmente porque apresentaria um documentário sobre as religiões afro-brasileiras na cidade de Codó, Maranhão, festa de Santa Bárbara, falando sobre o Tercê, além de outras religiões, festas e rituais interessantes. Apesar de nossa residência contar com programação televisiva em canal fechado, não conseguimos gravar o programa naquele momento, no qual apenas acompanhamos, registramos passagens e tomamos notas de partes de sua narrativa para posterior elaboração de trabalho científico.

Na verdade, através de nossa pesquisa em Antropologia das Religiões Afro-Brasileiras e do projeto ‘**Religiosidade Afro-Maranhense e Festas Populares**’, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão-FAPEMA, já temos alguns trabalhos publicados com esse tema ‘Mídia e Religiões Afro-Brasileiras (LINDOSO, 2012, 2009, 2008, 2007) e o mais recente deles também

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA, Campus São Luís-Centro Histórico; Mestre em Ciências Sociais; Agência de Fomento: Fapema.



tratou a respeito de um programa de televisão (o Superpop da rede TV), embora com um outro formato (programa de auditório), versando especificamente sobre a cidade maranhense Codó e o seu mais famoso pai-de-santo, Wilson Nonato de Sousa, o Bitá do Barão, apresentando os seguintes rótulos: **Codó-capital mundial da feitiçaria e Bitá, o pai-de-santo dos políticos.**

O objetivo principal do trabalho é fazer uma análise do discurso midiático televisivo do programa Na Fé em que aborda as religiões afro-brasileiras, particularmente o Terecô, na cidade de Codó-Maranhão e seus principais agentes, dentre eles um dos mais conhecidos líderes umbandistas e terecozeiros, mestre Bitá do Barão. Como objeto da análise do discurso, citamos a própria língua como produtora de sentidos e a partir do estudo do texto em si, temos como intuito compreender a prática da linguagem, o homem falando por meio de todo um sistema de concretudes relacionado à sua existência e historicidade (ORLANDI, 1999, p. 17).

Codó é uma cidade brasileira do Estado do Maranhão, leste maranhense e que conta com mais de 100.000 habitantes e com uma distância de mais ou menos 300 km da capital, São Luís (CODÓ, 2013). Teve grande expressividade no passado (período colonial) como grande produtora de algodão tendo posição geográfica privilegiada sendo cortada pelo rio Itapecuru, todavia, além dos seus aspectos históricos e geográficos, Codó se destaca no âmbito religioso, o Catolicismo Popular com a devoção aos santos (Santa Bárbara, São Sebastião, São Raimundo, São Benedito, peregrinações de romeiros até o Ceará em homenagem a São Francisco do Canindé etc.) e também com o número expressivo de terreiros ou casas de religião afro-brasileira (matrizes Terecô, Mina, Umbanda, Candomblé em grande maioria cruzadas ou ligadas em um mesmo espaço) e altares domésticos (mesinhas, quartos de segredos ou de santos em residências particulares com a realização de práticas afrorreligiosas, trabalhos).

É importante destacar que no passado o Terecô, Mata Codoense ou Brinquedo de Santa Bárbara, era praticado em povoados negros codoenses, a exemplo de Santo Antônio dos Pretos de modo escondido, devido as acusações de curandeirismo, feitiçaria e perseguições policiais. Como pontua Mundicarmo Ferretti (2001b, p. 64) que no Terecô geralmente os pais e mães-de-santo são mais conhecidos como curadores (coexistindo na região as formas identificatórias raizeiros, cientistas e doutores do mato) e que tanto no passado quanto na atualidade, em Codó muitos terecozeiros ficaram famosos realizando trabalhos de magia com os seus mais variados fins a pedido de clientes, ganhando assim a popularidade de **‘Terra do Feitiço’**.

E como isso reflete e é apreendido por uma mídia sensacionalista, hegemônica, racista, elitista que ao longo de sua história relacionada às religiões afro-brasileiras se mostrou como uma ferramenta de combate e intolerância contra esses públicos. Para analisar essas questões adotamos como metodologia a pesquisa em material bibliográfico específico (Literatura Antropológica, revistas, jornais), a observação-participante (festas e toques de Terecô em Codó); análise audiovisual (programa documentário Na Fé e entrevistas).

Dividimos o artigo em alguns tópicos para uma melhor compreensão, iniciamos com a introdução para apresentar a temática e o objetivo principal do trabalho; logo em seguida o item 2, ‘Santa Bárbara, Maria Barba e Barba Soeira: rainha, mãe e padroeira’ destaca a devoção a Santa Bárbara e o seu contexto nas religiões afro de Codó; no item 3 abordamos questões relacionadas as religiões afro-brasileiras e os meios de comunicação, tendo como foco o universo afrorreligioso codoense e por fim analisamos o discurso do programa Na Fé, de Arthur Veríssimo, seguido das considerações finais.

2.SANTA BÁRBARA, MARIA BARBA, ‘BARBA SOEIRA’: rainha, mãe e padroeira.

É expressivo o grau de importância do apreço e devoção do Catolicismo Popular, presente nas religiões afro-brasileiras de modo geral, particularmente no Maranhão em que santa Bárbara adquire grande proeminência sendo alçada as categorias de ‘rainha’, ‘mãe’ e ‘padroeira’ pelos seus devotos. É considerada a padroeira do Tambor de Mina, da Cura ou pajelança (‘pajeleira’), patrona do Terecô, mestra dos mineiros, terecozeiros e curadores e a ‘grande chefe de encantaria’ (FERRETTI, M., 2001a, p. 159).

O dia de sua festa é 4 de dezembro, data que marca o início do ano litúrgico no Tambor de Mina, religião de matriz africana fundada no Maranhão em meados do séc. XIX com influências culturais de várias nações de matriz africana Jeje, Nagô, Cambinda, Balanta, etc., sendo uma das festas mais importantes do calendário afrorreligioso maranhense. É a deusa dos raios, ventos e tempestades, sincretizada como Oyá ou Iansã (entre os Nagôs); Nochê Sogbô (ritos Jeje Daomeanos); Matamba/ Bamburucema (Congo-Angola/ Bantus) variando de acordo com seu contexto nas religiões afro-brasileiras.

Seus (as) filhos (as) usam colares de contas de vidro grená (vermelho-escuro, acastanhado), amarelo, branco, de acordo com a nação; seu dia da semana é a quarta-feira, o mesmo do seu marido Xangô (orixá do fogo, justiça, da pedreira) e seus símbolos como na África são os chifres de búfalo e um alfanje, recebendo sacrifícios de

cabras e oferendas de acarajé, mais conhecido na Bahia como o ‘bolinho de Iansã’ (VERGER, 2002, p.170). Segundo Maria de Lourdes Siqueira (1998, p. 369) no dia 4 de dezembro de cada ano em Salvador-Bahia, é oferecido um caruru de dez mil quiabos, comida ritual, à população de modo gratuito no mercado de São Miguel, uma homenagem dos vendedores desse centro comercial ao orixá Iansã.

Nochê Sogbô ou Sogbô Babádi, vodum feminino da família de Quevioçô é considerada a mãe de todos os voduns dessa ordem familiar na Casa das Minas, terreiro de Mina centenário maranhense, fundado por africanos em meados do séc. XIX, de nação jeje e de culto as entidades espirituais chamadas de voduns. Sérgio Ferretti (1996, p. 121) afirma que Sogbô é um guia-astro, representando o raio e o trovão, adorando Santa Bárbara. No Centro Espiritualista de Tambores de Mina São Jorge e Santa Bárbara ou ‘Ilê Ashé Ogum Sogbô’ (casa de força de Ogum e Sogbô), pesquisado por nós, Santa Bárbara e o vodum Sogbô tem alta relevância nesse terreiro de Mina, pois é uma das entidades espirituais principais do líder dessa comunidade, o pai-de-santo Airton Gouveia, ladeada por Ogum, orixá do ferro e da guerra. A festa de Nochê Sogbô nessa casa de Mina tem duração de três dias (3, 4 e 5 de dezembro), com destaque para o dia 4 de dezembro, ápice da festa, que se desenrola durante todo o dia, com ladainhas, procissão pelas ruas do bairro da Liberdade em São Luís do Maranhão; toque de Tambor de Mina em homenagem a dona do terreiro (Sogbô), ocasião em que essa entidade é ‘paramentada’ ou vestida com suas roupas especiais (paramentos) e símbolos, alfanje e eiruexim (espécie de espanta-moscas de cauda de cavalo para afastar os eguns, espíritos dos mortos).

Outros terreiros de Mina ludovicenses pesquisados como o Ilê Ashé Obá Izô (babalorixá Wender Loreto, bairro da Liberdade) e Ilê Ashé Toy Babicachu Lego Xapanã (babalorixá Márcio, bairro Cidade Operária) também apresentam Sogbô (lado Jeje) e Iansã (Nagô) como entidades espirituais principais desses líderes e de seus terreiros respectivamente. Maria do Rosário Carvalho Santos (1997, p. 5) baseada em informações de seu Genésio Rodrigues, discípulo de um famoso curador e pai-de-santo Zé Bruno em Caxias-Ma., afirma que Bárbara era filha de família nobre e aristocrática e desde jovem fazia curas entre o povo humilde de sua terra, contrariando o seu pai, que a submeteu as mais altas atrocidades e castigos.

É interessante observar a letra de um dos cânticos, colhido pela professora Rosário Santos (Id Ibid) que identifica Bárbara como ‘pajeleira’: ‘ei Bárbara, ei Bárbara, filhos de Barba Soeira, faz três dias, que eu andava, atrás de Bárbara pajeleira’. No

documentário ‘Na Fé’, analisado nesse trabalho, o pai-de-santo codoense Bitá do Barão, ao se referir a Santa Bárbara afirma que ela é a deusa do fogo, das tempestades e sua mãe de crôa (dona de sua cabeça, uma das suas entidades principais) (NA FÉ, 2013).

Na narrativa do programa, o jornalista Arthur Veríssimo, evidencia que no contexto afrorreligioso codoense, Santa Bárbara é festejada no dia 4 de dezembro, data do Catolicismo, mas para os terecozeiros (praticantes do Terecô, religião afro-brasileira com sistema ritualístico e simbólico específico, fundada a priori em povoados negros de Codó e difundida em variadas cidades no Maranhão) ela é a encantada ‘Barba Soeira’ e está sincretizada com Iansã, que segundo ele é do Candomblé! (Id IBID). Uma outra forma de denominação para o Terecô é ‘Brinquedo de Santa Bárbara’, que confirma a grande importância dessa santa e da encantada ‘Barba Soeira’ para a denominação afrorreligiosa estudada, além dos seus praticantes se autodenominarem como ‘filhos de Barba’ (FERRETTI, M., 2006, p. 38).

3.AS RELIGIÕES AFRO EM CODÓ-MA. SOB OS OLHARES MIDIÁTICOS: estereótipos, rótulos, estigmas.

As relações das religiões afro-brasileiras com a mídia são marcadas por diversas representações ao longo da história brasileira, principalmente, o papel preponderante que a mídia impressa (jornalismo escrito) desenvolveu contribuindo como ferramenta perpetuadora de estereótipos, rótulos e estigmas do universo afrorreligioso brasileiro. O jornalismo brasileiro a figura do negro já aparece em uma condição desprivilegiada, sub-humana ou como objeto vendável, mercadoria como podemos observar em anúncios do Jornal O Publicador Maranhense, na segunda metade do séc. XIX (**Os Escravos, Venda de Escrava; Escrava para Alugar; Compra-se**) (LINDOSO, 2004, p. 32).

Quanto aos jornais se referindo às religiões afro-brasileiras, são variadas as adjetivações depreciativas presentes nas inúmeras matérias ao longo do tempo em diversos veículos, nos quais eles servem como ferramentas de repressão, vigilância e combate a essas formas de culto. Categorias negativas como ‘perturbadoras da ordem’, ‘**macumba**’, ‘**feitiçaria**’, ‘**locais de orgias e bebedeiras**’, ‘**magia negra**’, ‘**satanismo**’ são evidentes nos textos midiáticos impressos atrelados à muita desinformação, desconhecimento e intolerância afrorreligiosa já arraigados em nossa sociedade, transpostos para os meios de comunicação de massa.

Herlinton Nunes (2006, p. 9) em sua pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras, particularmente analisando o discurso midiático ou jornalístico na cidade de Codó-Ma, no período pós-abolição (1894-1896), especificamente no jornal, Monitor Codoense, identificou o termo 'Pajelança' se referindo ao conjunto dessas religiões de matriz afro naquele lugar. Diversas categorias são citadas pelo autor (Id, p. 10) como 'pajé', 'pajeiro', 'cubas', 'curumbé' que são utilizadas pelos jornalistas para fazerem alusões aos praticantes dessas modalidades religiosas e também terapêuticas.

É interessante que as percepções conclusivas de Nunes (Id, p. 12) diante da imprensa codoense apresentam aspectos relevantes quanto à Pajelança, representada como magia maléfica transitando tanto na zona urbana (Vila de Codó) quanto na rural (presença de pajés em algumas comarcas de Codó, áreas periféricas das fazendas) e como elemento de força, de ligação e coletividade entre os seus agentes; sendo um mal que precisava ser extirpado da sociedade ao mesmo tempo, que era utilizada como suporte político para o jornal analisado desmoralizar as autoridades envolvidas e coniventes com aquelas práticas. No ano de 1994, o programa televisivo Domingo 10, apresentado por Marília Gabriela, que deu grande vazão para as religiões afro em Codó e suas possíveis ligações com a magia negra, utilizando expressões de cunho negativo como **'Codó, Capital da Magia Negra'**; **'Terra do Feitiço'** e **'Meca da Macumba Maranhense'**.

Como aponta a descrição de Mundicarmo Ferretti (2001a, p. 87-90) sobre esse programa a cidade de Codó foi representada de modo preconceituoso como capital da magia negra, tanto pela narrativa televisiva quanto pelo próprio discurso sensacionalista de sua apresentadora, Marília Gabriela. As imagens das reportagens do programa foram reveladoras e contribuíram para o endossamento dos estereótipos negativos da cidade (trabalho com Exu na encruzilhada, depoimento de pai-de-santo afirmando trabalhar com Exu na 'linha negra'; homem possuído por forças maléficas, etc.), motivando inclusive posteriormente um protesto por meio de um documento de repúdio de várias entidades socioculturais do Estado contra aquelas representações midiáticas das religiões afro em Codó e do negro no Maranhão (LINDOSO, 2012, p. 364).

É importante destacar que fizemos uma análise do discurso do programa televisivo Superpop, da Rede Tv, canal 08 (TV aberta-Maranhão), apresentado por Luciana Gimenez, substituída na época pela cantora Gilmelândia no ano de 2011 que teve como foco principal a cidade de Codó e a figura do pai-de-santo Bitá do Barão, categorizado como o 'pai-de-santo dos políticos' (Id Ibid). Através dessa pesquisa, fomos provocados a investigar os discursos representativos e imagéticos sobre a cidade maranhense Codó,

e particularmente sobre o babalorixá Wilson Nonato de Sousa, Bitá, tanto na mídia impressa (jornais e revistas) quanto audiovisual (televisão, rádio, internet) em face de ser indiscutivelmente uma liderança de acentuada influência social, política, econômica e afrorreligiosa no Estado, refletindo bastante nos meios de comunicação de massa.

Pós-Domingo 10 (programa televisivo), veiculado no ano de 1994, identificamos algumas categorizações midiáticas sobre a cidade de Codó e também sobre o pai-de-santo supracitado como muito influenciadas por esse discurso, que se repetiram posteriormente com algumas alterações e inovações, como pontua Lindoso (Id, p. 358):

- 1) Reportagem da extinta Revista Parla, jornalista Flávia Regina, intitulada ‘Bitá do Barão-o cabo eleitoral do além’ e Codó representada como ‘Terra do Feitiço’; ‘Meca da Macumba Maranhense’; ‘Capital da Magia Negra’ (MELO, 1998, p. 16).
- 2) Revista Trip, reportagem ‘Bat Macumba’, nº 102, ano 2002, de autoria do jornalista Arthur Veríssimo e que Codó mais uma vez aparece como ‘Terra do Feitiço’; ‘Meca da Macumba’ ‘Capital da Magia Negra’ e pai Bitá é classificado como ‘vovozinho turbinado’, ‘vitaminado’, ‘pai-de-santo pop star’ e ‘personal guru da família Sarney’.
- 3) Revista National Geographic, nº 124, julho de 2010, de autoria de Flávio Devienne Ferreira em que Codó aparece como a ‘esquina do além’; as ‘portas do além’ e ‘capital brasileira da magia’ e Bitá do Barão, ‘o mais famoso e temido babalorixá da cidade’; o ‘rei de Codó’.
- 4) Programa televisivo Superpop, Rede Tv, com a reportagem ‘Programa Superpop investiga o poder do pai-de-santo dos políticos’, a denominação de Codó como capital mundial da feitiçaria’ vai expressar de modo sensacionalista uma dimensão mais ampla para os poderes dessa cidade, a partir de um termo novo. Já Bitá do Barão é enfaticamente identificado como o ‘pai-de-santo dos políticos’.

Documentamos também na revista Maranhão Hoje, Ano I, nº 09, dezembro de 2013 matéria jornalística, que tem como capa ou reportagem principal a figura de Bitá do Barão, com a seguinte chamada ‘Bitá do Barão, o Bruxo de Codó’, além de outra denominação de ‘o maior curandeiro do Maranhão (EMIR, 2013, p. 12). Essa reportagem trata de modo enfático a respeito desse líder afrorreligioso e suas relações

com a política através de seus trabalhos espirituais como mostra o título da matéria dessa revista: ‘Bitá do Barão: todos os políticos me procuram’ (Id, Ibid). O jornalista Emir Aquiles ao descrever o dia-a-dia desse pai-de-santo nos oferece informações por meio de sua entrevista com o mesmo, informações sobre os seus trabalhos espirituais, preços a clientela, ligações políticas, previsões, negócios, curas, etc.

No programa ‘Na Fé’, exibido em julho de 2013, no canal fechado Discovery Channel com reportagem especial sobre a festa de Santa Bárbara em Codó-Ma., mais uma vez o contexto afrorreligioso da cidade repetidamente relacionado à magia maléfica, como podemos observar na fala do apresentador Arthur Veríssimo: os feitos de um pai-de-santo, que conheci alguns anos atrás ajudaram a espalhar a fama da ‘Capital da Magia Negra’; Dizem por aí, que ele já conseguiu até eleger presidente, enquanto uns tem medo, outros vem de longe para pedir dinheiro, poder saúde... (NA FÉ, 2013).

4.A FESTA DE SANTA BÁRBARA, O TERCÊ E UM PAI-DE-SANTO NA FÉ: Representações midiáticas de um programa televisivo em canal fechado.

A série de programas documentários ‘Na Fé’, foi desenvolvido pela Mixer, produtora independente que atua no mercado audiovisual brasileiro, desde 2003, situada no Rio de Janeiro e em São Paulo, trabalhando com conteúdos de todos os gêneros e plataformas, nesse caso analisado aqui, a televisão sob a direção de Rodrigo Astiz. Ana Carolina Barbosa (2013) afirma que o Na Fé é uma série de programas, resultado de mais de dez meses de pesquisa na qual foi feita uma seleção de nove festivais religiosos (um para cada episódio) gravados em vários países da América Latina e com a apresentação do jornalista Arthur Veríssimo:

1. NA FÉ em Salvador-Bahia (Brasil): Festa de Iemanjá, 02 de fevereiro.
2. **NA FÉ em Codó-Maranhão (Brasil): Festa de Santa Bárbara, 04 de dezembro.**
3. NA FÉ em Belém-Pará (Brasil): Festa do Círio de Nazaré, mês de outubro.
4. NA FÉ no Acre-Rio Branco (Brasil): Festival da tribo indígena Yawanawá.
5. NA FÉ em Cuba: Festa de São Lázaro.
6. NA FÉ no México: Festa da Semana Santa Tahahumara, povo indígena Raramúri.
7. NA FÉ na Bolívia: Festival Pré-Hispânico El Tinku, tradição indígena boliviana.
8. NA FÉ em Cuzco, Peru: Festival Qoyllur Rit’l, peregrinação de nações indígenas.
9. NA FÉ no Haiti: Voodoo haitiano, peregrinação à gruta São Francisco.

Destacamos que o jornalista Arthur Veríssimo já possui experiência e incursões em matérias jornalísticas (reportagens, textos midiáticos diversos, etc.) que concentram temas voltados para o universo cultural e religioso, inclusive já esteve antes em Codó-Maranhão e já mantinha amizade com mestre Bitá do Barão. Há cerca de vinte e sete anos é repórter da revista Trip e tem trinta anos de estudos voltados para a religião e espiritualidade, desenvolvendo inúmeros trabalhos de coberturas para os meios de comunicação relacionados à Cultura e Religião tendo sido convidado pela Discovery Channel e pela produtora Mixer para ficar à frente dessa série, que teve como objetivo principal desvendar os significados de cultos e festivais religiosos na América Latina.

O formato do programa Na Fé obedeceu alguns critérios importantes como o interesse anterior da Discovery Channel em desenvolver algum projeto com Arthur Veríssimo e da predileção no momento pela temática religiosa (festas, festivais, etc.), o que propiciou o nascimento da série ‘Na Fé’ tendo como pressuposto básico ser um ‘Doc Reality’ (documentário realidade), tipo de programa televisivo baseado na vida real, fatos e acontecimentos vividos e experimentados no momento cotidiano. Segundo Sergio Zeigler, diretor de cinco dos episódios da série, afirmou que Arthur Veríssimo trazia para o público um mergulho na experiência de quem vivencia a religião (NA FÉ COM ARTHUR VERÍSSIMO, 2013):

A gente pesquisou muito para fazer a série e todos os vídeos que a gente viu eram um modelo antigo de documentário. Acho que o Arthur traz para o espectador a ideia de quem mergulha na experiência e isso possibilita mostrar a religião através de quem está vivendo aquilo de verdade. É uma visão singular da religião. O diferencial é ser uma documentação de uma experiência e não um documentário religioso”, conta o diretor.

Essa proposta da equipe da produção do programa não deixa de tencionar a implementação de um diferencial, que é marcado pela categoria ‘experiência’ associada a diversos outros fatores como pesquisa, vivência, conhecimento, informações e visões de mundo prévias que podem ser atrelados à própria figura do jornalista Arthur Veríssimo, a partir de sua seleção pela produtora e canal Discovery. Roberto da Matta (1978, p. 27-28) ao falar como ter “Anthropological Blues” elenca três fases de uma pesquisa, a primeira delas a teórico-intelectual (busca de todo um arcabouço de teorias e saberes sobre o tema); o período prático (antevéspera da pesquisa-saída da teoria para a prática, problemas concretos) e a pessoal ou existencial (fase da experiência que abarca todas as outras,

momento de vivência com a cultura, compreendendo o todo, inclusive as especificidades que esse contato venha a gerar).

É compreensível que a produção de um doc reality de tal natureza ou de qualquer produto midiático mais aprofundado deva passar por um processo que apresente tais etapas de tratamento do objeto a ser investigado. A equipe de produção do Na Fé desenvolveu junto com Arthur Veríssimo as decisões de pauta, processos de pesquisa, mapeamento prévio das ações no instante das gravações e as mesmas se ligavam a um desenho do cronograma dos acontecimentos da festa, que não isentava o plano de trabalho de imprevistos, conflitos, problemas (NA FÉ COM ARTHUR VERÍSSIMO, 2013).

Como as festas não tinham uma fixidez em relação aos acontecimentos ou um roteiro definido, acontecendo imprevistos, problemas e mesmo conflitos, dentre os quais citamos a questão do tempo fluido para a gravação dos episódios, que não se desenrolavam a partir de uma previsão fixa e certas incompatibilidades do próprio jornalista com a equipe de produção. Por exemplo, no festival Pré-Hispânico El Tinku, na Bolívia que o documentário gira em torno de uma tradição Aymara boliviana que concentra um combate ritualístico entre diferentes comunidades indígenas, e é iniciado a partir de uma dança de mulheres e homens em círculo e posteriormente as lutas entre os homens, até sangrar (TINKU, 2013). O episódio no Haiti, ao longo dos rituais do voodoo teria o sacrifício de uma vaca, mas foi algo recusado por Arthur Veríssimo, que é um estudioso e admirador do Hinduísmo, religião na qual a vaca é um animal sagrado.

FICHA TÉCNICA

- **INFORMAÇÃO GERAL**
- Título: NA FÉ (Festa de Santa Bárbara em Codó-Ma.)
- Formato: Série de programas documentários (Doc Reality).
- Classificação etária: Impróprio para menores de 12 anos.
- Canal TV: Discovery Channel (canal 52, fechado, Sky Tv).
- Duração: Aproximadamente 55 minutos.
- País de origem: Brasil.
- Apresentador: Arthur Veríssimo.

Esse episódio ou programa analisado está dividido em seis blocos ou partes, intercaladas pelos comerciais ou merchandising midiático, possibilitando que possamos fazer uma descrição mais objetiva sobre cada uma parte em específico, completando a dimensão estrutural do programa como um todo:

- 1º Bloco: Apresentação do programa (abordagem do assunto principal ou objetivo); conceituações sobre Codó e as religiões afro; Visita a Tenda Rainha de Iemanjá; entrevista com mestre Bitá do Barão; Ida ao vale dos orixás; início do trabalho de limpeza em Arthur Veríssimo com a linha da esquerda, Exus de Umbanda.
- 2º Bloco: Continuação do trabalho de limpeza com banho de rio no jornalista e cliente de mestre Bitá.
- 3º Bloco: Conclusão do trabalho de limpeza; entrevista com cliente de mestre Bitá, srº Oscar Ferreira da Rocha, presidente da Federação Espírita Paraense; Entrevistas com a população no Centro de Codó (representações do Terecô); Preparativos da festa de Santa Bárbara; Entrevista com Bitá; Festa de Santa Bárbara na Tenda Rainha de Iemanjá.
- 4º Bloco: Continuação da festa de Santa Bárbara no terreiro de Mestre Bitá; Entrevista com Paulo Jeferson, codoense, pesquisador-doutor e terecozeiro; Visita de Arthur Veríssimo acompanhado de Paulo a outras festas de Santa Bárbara em Codó-MA.
- 5º Bloco: Continuidade da visita de Arthur Veríssimo junto com Paulo a outros terreiros de Codó, festa de Santa Bárbara; Transe de Paulo Jeferson na Tenda Santa Bárbara.
- 6º Bloco: Entrevista de Arthur Veríssimo com Paulo sobre o transe; conversa de Arthur com encantado em festa de Santa Bárbara; Procissão pelas ruas de Codó; Agradecimentos e finalização do programa.

O programa Na Fé sobre a festa de Santa Bárbara ao longo tanto da narrativa do jornalista Arthur Veríssimo faz diversas definições ou conceituações que devemos observar no contexto da análise do discurso, que continuam contribuindo para a perpetuação de estereótipos ou rótulos negativos em relação às religiões afro em Codó, a exemplo no primeiro bloco (NA FÉ, 2013):

‘Os feitos de um pai-de-santo, que conheci há alguns anos atrás ajudaram a espalhar a fama da “Capital da Magia Negra”; Dizem por aí, que ele já conseguiu até eleger presidente. Enquanto uns tem medo, outros vem de longe para pedir dinheiro, poder, saúde’...

Diferente do programa televisivo Superpop, veiculado em 2011 em que Codó apareceu como ‘capital mundial da feitiçaria’, dando um destaque muito maior ou universal para a cidade, o Na Fé continuou reproduzindo o mesmo rótulo, porém de forma menos chamativa no discurso e muito mais, a partir das imagens. Ainda no 1º bloco é iniciado um trabalho de limpeza no jornalista com a linha da esquerda (Exus e Pombagiras de Umbanda, Seu Tranca Rua das Almas e Dona Maria Padilha) para retirar a inveja e mal olhado do corpo dele, além de estar mais protegido para assistir a festa de Santa Bárbara.

Indiscutivelmente, as imagens no Vale dos Orixás focalizando os elementos simbólicos (galinha preta, bebidas, sacrifício, sangue, velas pretas e vermelhas, tridentes, etc.) relacionados ao ‘despacho’ (oferendas para Exu e Pombagira) no de trabalho de limpeza ao atingir grande parte dos telespectadores, curiosos, aforreligiosos tradicionais ou não, pessoas de outras religiões causam certo ‘impacto’, devido os múltiplos significados simbólicos dessas entidades e do próprio enraizamento do imaginário popular brasileiro, maniqueísta de associar Exu ao diabo das religiões cristãs ocidentais. Fator importante que deve ser levado em consideração é a influência hegemônica das religiões cristãs na polarização do bem e do mal e que passou a fazer parte da mítica dos orixás, que não conheciam oposição tão bem demarcada entre esses campos, no qual Oxalá e as demais divindades do panteão afro-brasileiro foram associados ao lado positivo e ao outro lado, das coisas ruins, destinaram para Exu (PRANDI, 2005).

Concordamos com Mourão (2012, p. 196-197) quando afirma que devemos analisar muito além as imagens dos guardiões do culto da Umbanda e seus símbolos em que usualmente persistem as associações iconográficas com as imagens da demonologia cristã, pois submersos em sua simbologia religiosa podem ser entrevistados pelos ícones de suas representações. Podem ser um tanto complexas as interpretações de um telespectador do programa, que assistir o trabalho de limpeza pelo qual passou o jornalista Arthur Veríssimo (bloco 2 e 3) sem que caia na armadilha maniqueísta em que as religiões afro foram colocadas no Brasil, ou na inevitável polarização associativa entre bem e mal, a partir de um conjunto visual simbólico enraizado no imaginário religioso cristão brasileiro, de sempre associar a divindade Exu ao capeta.

Nos blocos que se seguiram (4, 5 e 6) as lentes televisivas do programa exploraram o transe de modo peculiar e até mesmo soando de modo sensacionalista: ‘o transe é presente aqui, nesse momento no Terecô onde vai acelerando cada vez mais e elas estão realmente incorporadas com suas fardas tradicionais aqui da casa; e é intenso é muita

energia; Estou acompanhando, o mestre acaba de incorporar, deu um salto'... (NA FÉ, 2013).

Outras passagens da fala de Arthur Veríssimo e de Paulo corroboram essa ideia de espetacularismo quanto ao transe, agora no terreiro de Domingueiros (4º bloco): 'Os transes vão vindo sucessivamente (Arthur); 'A levada é envolvente... você fica...'; Como começou agora, é mais compassada'; Daqui a alguns minutos começa a ser mais frenético, e é quando começa os transes (Paulo). Discordamos um pouco sobre a afirmação de Paulo Jeferson, quando o mesmo em sua fala compara a permissividade mais acentuada de participação de uma pessoa em transe para entrar na roda e dançar Terecô do que uma no Candomblé, pois avaliamos isso como algo relativo, variando muito de terreiro para terreiro: 'Diferente do Candomblé, no Terecô qualquer pessoa pode entrar; se o santo pegar você; se o santo te pegar, você brinca!

Arthur Veríssimo também faz generalizações em relação ao transe espiritual no Terecô nessa festa de Santa Bárbara (5º bloco): 'já é madrugada em Codó, daqui para frente os tambores só aceleram e qualquer pessoa que vem participar da festa pode receber um encantado, até mesmo eu'! Na verdade, Arthur Veríssimo ao generalizar sobre o transe no Terecô, acaba incluindo todo mundo, logo essa questão não é tão fácil de ser apreendida, pois acreditamos mais em possibilidades e suscetibilidade para o transe e a possessão do que algo certo, previsível e objetivo como aparece nas entrelinhas do discurso do apresentador.

Concordamos com Seth e Ruth Leacock (1972, p. 170), no seu clássico estudo sobre o transe e a possessão em terreiros de Belém do Pará ao afirmarem que o transe confere uma aura de exotismo dentro dessa religião, especialmente para quem está de fora: 'To the outsider it is the trance that gives the Batuque its exotic aura, and for many, its fascination'. E nos meios de comunicação isso adquire uma conotação de sensacionalismo, espetacularismo, exotismo e variados outros rótulos, que na sua maioria são negativos, vejamos outro exemplo no final do 5º bloco do programa, momento em que o pesquisador Paulo Jeferson entra em transe com encantado houve uma mudança no áudio e o cântico do Terecô passou a ficar mais gutural, rouco, grave fazendo possíveis alusões negativas a entidade espiritual, que estava incorporando no pesquisador: 'O Paulo abraçou a mulher e saiu rodando...incorporou, está completamente arriando...

O último bloco do programa vai abordar uma conversa em tom de entrevista entre Arthur Veríssimo e Paulo Jeferson sobre a veracidade do transe do pesquisador naquela

feita. Percebemos que o jornalista apresenta curiosidade em saber a entidade espiritual que tinha se manifestado, nome, origem e sensação de passar por tal situação: ‘Você parecia um helicóptero ali, maior energia’...

Nesse mesmo bloco, Arthur ainda entrevista uma filha-de-santo em transe com seu encantado, Rei da Luta e finalizando a sua narrativa faz uma síntese sobre a cidade, o Terecô, a festa de Santa Bárbara, a experiência pela qual passou, além dos agradecimentos especiais ao mestre Bitá do Barão, sua filha, Janaína, a todas as tendas de Codó, fazendo o desfecho com a seguinte frase, muito utilizada por Bitá: ‘E como falam os oráculos, os segredos não devem ser revelados’. As imagens finais do documentário sobre Codó mostram a procissão de Santa Bárbara e a participação do jornalista e de Paulo Jeferson, pesquisador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa documentário Na Fé, de Artur Veríssimo, na Discovery Channel apesar de apresentar uma proposta em termos de produção de vivenciar/experimentar/desvendar os segredos e significados religiosos da festa observada, festejo de Santa Bárbara em Codó-Ma., e do próprio Terecô, continua reproduzindo estereótipos e rótulos negativos em relação tanto à cidade quanto as suas principais manifestações afrorreligiosas: ‘Codó, Capital da Magia Negra’. A figura do mestre Bitá do Barão mais uma vez é representada como o pai-de-santo dos políticos; como um líder muito procurado por pessoas de posse e de poder e sua participação no programa documentário é acentuada, tomando mais da metade do tempo, a partir de imagens de seu terreiro, entrevistas, conversas e o desenvolvimento do trabalho de limpeza na ‘linha da esquerda’ (Exus e Pombagiras) oferecido ao seu amigo, jornalista Artur Veríssimo.

Exu, aqui aparece como um agente mágico curativo, trabalhando para o bem, limpando e afastando o mal, a inveja e toda sorte de coisas ruins. Embora a narrativa contenha informações pertinentes ao universo afrorreligioso codoense, muitas vezes ela aciona velhos elementos problemáticos das relações entre mídia e essas religiões: os sensacionalismos e exotismos, a partir do transe e possessão dos encantados; o jogo imagético dos símbolos e significados de Exu e Pombagira; as generalizações e em menor escala algumas incongruências de informações relacionadas ao Terecô presentes no texto televisivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Carolina. **Discovery estreia “Na Fé com Arthur Veríssimo”**. Disponível em: <http://www.telaviva.com.br/03/07/2013/discovery-estreia-na-fe-com-arthur-verissimo-tl/346298/news.aspx>. Acesso em: 20/07/2013.

CODÓ. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cod%C3%B3>. Acesso: 26/07/2013.

EMIR, Aquiles. **Bitá do Barão, o bruxo de Codó**. Revista Maranhão Hoje. Ano I, n.9, dezembro de 2013.

DA MATTA, Roberto. **O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). **A aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FERREIRA, Flávio Devienne. **Codó, a esquina do além**. Revista National Geographic, ed. 124, jul. 2010. Disponível em: <http://viajeaquil.abril.com.br/national-geographic/edicao-124/codo-maranhao-capital-da-magia-sobrenatural-571802.shtml>. Acesso em: 17 mai. 2011.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu**: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 1996.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001a.

_____. Terecô, a linha de Codó. In: Prandi, Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001b

_____. **Religião e Magia no Terecô de Codó (MA)**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. **Faces da Tradição Brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro, Pallas, Salvador, CEA, 2006.

LEACOCK, Seth & Ruth. **Spirits of the Deep, Drums, Mediums and Trance in a Brazilian City: a study of an afro-brazilian cult**. New York: Anchor, 1972.

LINDOSO, Gerson Carlos Pereira. **O “Pai-de-Santo dos Políticos”: Bitá do Barão, na cidade de Codó, capital mundial da feitiçaria!?** In: CARREIRO, Gamaliel da Silva, FERRETTI, Sergio Figueiredo; ARAÚJO, Lyndon (Orgs). **Missa, Culto e Tambor: os espaços da religião no Brasil**. São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012.

_____. Religiões afro-maranhenses nas ondas do rádio: um pouco da história da comunicação afro-religiosa em São Luís-MA. In: Karina Janz Woitowicz. (Org.). **Recortes da Mídia Alternativa: histórias & memórias da comunicação no Brasil**. 1. ed. Paraná: Editora da UEPG, 2009.

_____. Revisitando o passado e apontando para o presente: alguns olhares sobre a relação entre mídia e religiões afro-brasileiras. In: Congresso de Comunicação da Região Norte-Nordeste, 10., 2008, São Luís. **Anais Intercom Nordeste 2008**: mídia, ecologia e sociedade, 2008.

_____. **Do Espaço-terreiro real ao espaço virtual: as religiões afro-maranhenses na internet**. In: FORO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, 2., São Luís, 2007.

_____. **Ilê Ashé Iemowá**: um estudo etnográfico-midiático sobre um terreiro de Tambor de Mina em São Luís. 2004. 78 p. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

MELO, Flávia Regina B. de. **Bitá do Barão: o cabo eleitoral do além**. Revista Parla, v.1, n. 3, 1998.

MOURÃO, Tadeu. **Encruzilhadas da Cultura: imagens de Exu e Pombajira**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

NA FÉ COM ARTHUR VERÍSSIMO. Disponível em: <http://netlabtv.com.br/na-fe-com-arthur-verissimo/>. Acesso em: 02/10/2013.

NA FÉ COM ARTHUR VERÍSSIMO EM CODÓ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uglL42874yw>. Acesso em: 20/09/2013. Cópia em CD.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

NUNES, Herliton Rodrigues. **Perseguição Religiosa: a pajelança na imprensa codoense entre os anos de 1894-1896**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. n. 34, p. 9-12, Junho de 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Maria do Rosário Carvalho. **Santa Bárbara/ Iansã: senhora dos ventos e das tempestades**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Boletim On Line n. 6, p. 5, São Luís, Dez. 1997.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô, Agô Lonan: mitos, ritos e organização em terreiros de Candomblé da Bahia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.

TINKU. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Tinku>. Acesso em: 25/10/2013.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: corupio, 2002.

VERÍSSIMO, Arthur. **Bat Macumba**. Revista Trip, n. 102, ano 16, jul. 2002.